

MODERNIDADES:  
MÚTIPLAS LEITURAS

**Conselho Editorial**  
**Série Letra Capital Acadêmica**

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)  
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)  
Claudio Cezar Henriques (UERJ)  
João Medeiros Filho (UCL)  
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)  
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)  
Michela Rosa di Candia (UFRJ)  
Olavo Luppi Silva (UFABC)  
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)  
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)  
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)  
Robert Segal (UFRJ)  
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)  
Sandro Ornellas (UFBA)  
Sergio Azevedo (UENF)  
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Luciana Nascimento  
Luciano Mendes Saraiva  
*Organizadores*

MODERNIDADES:  
MÚLTIPLAS LEITURAS

LETRAPITAL

Copyright © Luciana Nascimento e Luciano Mendes Saraiva, 2020

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico,  
sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA: Luiz Guimarães

*Foto: <https://www.dreamstime.com/royalty-free-stock-photography-traffic-los-angeles-image10622427>*

EDITORAÇÃO: Luiz Guimarães

REVISÃO: Dos autores

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

M694

Modernidades: múltiplas leituras / organização Luciana Nascimento, Luciano Mendes Saraiva. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

172 p. : il. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87594-01-9

1. Literatura brasileira - História e crítica. 2. Cultura - Aspectos sociais. 3. Literatura e sociedade. I. Nascimento, Luciana. II. Saraiva, Luciano Mendes.

20-64554

CDD: 869.09

CDU: 82.09(81)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

**LETRA CAPITAL EDITORA**  
Telefone (21) 22153781 / 35532236  
[www.letracapital.com.br](http://www.letracapital.com.br)

# Sumário

Apresentação.....	7
Tempos e tempos modernos.....	11
<i>Luciana Marino do NASCIMENTO</i>	
Rumo à Amazônia oriental: vilas, cidades e povoados bolivianos na obra exploraciones realizadas en los ríos Beni, Mamoré y Madera y el lago rojo-aguado durante los años 1844 al 47: descripción de la provincia de moxos, de José Augustín Palacios.....	18
<i>Luciano Mendes SARAIVA</i>	
Joao Donato e a Amazônia acreana.....	43
<i>Luciana Marino do NASCIMENTO</i>	
<i>Douglas Marques LUIZ</i>	
O Caboclo, de Aluísio Azevedo e Emílio Rouède – entre a fábrica e o teatro .....	55
<i>Jorge Eduardo Magalhães de MENDONÇA</i>	
Luisa de O primo Basilio e as mulheres em “cinco mulheres” e “missa do galo” de Machado de Assis .....	66
<i>Maged Talaat Mohamed Ahmed ELGEBALY</i>	
Pequenas profissões: a crônica como uma figurativização do cotidiano .....	78
<i>Lúcia Maria de ASSIS</i>	
Cultura e identidade na terra onde florescem as seringueiras: uma leitura da letra da música Rimadeira de Álamo Kário.....	93
<i>Saíde Feitosa da SILVA</i>	

A relação dos sujeitos com as árvores: contexto urbano nos bairros de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro – RJ e Floresta, na cidade de Rio Branco – AC .....	117
<i>Cleilton França dos SANTOS</i>	
Cartografias da paisagem: Palmeiras Imperial e seu entrelaçamento no cotidiano da cidade .....	138
<i>Adelzita Valéria Pacheco de SOUZA</i>	
Do seringal à xapuri: identidades urbanas.....	159
<i>Willianice Soares MAIA</i>	
<i>Luciano Mendes SARAIVA</i>	

## Apresentação

A modernidade é antes de tudo um discurso. Se por um lado é um termo que indica um mundo marcado por constantes transformações, com rápidas e profundas mudanças nas relações interpessoais, institucionais e culturais que se constituem dentro deste panorama denominado “moderno” (GIDDENS, 2001), vislumbrando uma ideia de avanços e progressos, em contrapartida é um termo que merece ser discutido, considerando que a modernidade não ocorre com todos e para todos de forma simultânea. Nesse sentido, faz-se patente um estudo contínuo sobre a temática, tendo como núcleo a cidade e sujeitos que nela transitam, considerando que ambos são os que mais sofrem impactos e mudanças, físico, social e culturalmente, produzindo e reproduzindo novos discursos, motivos pelo qual organizamos este volume que dá continuidade a estudos desenvolvidos anteriormente no volume 1 do livro *Modernidades: múltiplas linguagens – (Re) construções e (Re) leituras*.

A obra intitulada **Modernidades: múltiplas leituras** é fruto de atividades intelectuais, em regime de trocas de ideias, discussões e ajuda mútua, que confere ao grupo de pesquisadores/autores dos textos nele presente o que podemos chamar de “*ethos colaborativo*”, pois incluímos produções de autores de diversas Universidades e Instituto Federal do Brasil – dentre elas – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro, Fundação Educacional Unificada Campo-Grandense do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Acre e Instituto Federal do Acre, e estrangeira – Faculdade de Línguas na Aswan University do Egito.

Nos textos presentes na obra, concebe-se um espaço privilegiado para o dialogismo como um espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro (Bakhtin, 2003), considerando que eles são produzidos em contextos polifônicos, e as temáticas vão se entrelaçando, sendo possível que em dado momento, haja um diálogo entre os textos e seus autores. Neste sentido, como afirma Costa (2017, p. 35), “toda produção intelectual, a exemplo de qual-

quer discurso, é uma construção historicamente situada e, por isso, apreensível como um trabalho elaborado em interação dialógica e responsiva com as condições histórico-sociais do momento em que ele é realizado”. Assim, poderemos perceber a presença da intertextualidade “interna” das vozes que falam e polemizam nos textos, reproduzindo diálogos com outros textos.

Destacamos, ainda, que as narrativas presentes nos capítulos, buscam compor uma temporalidade dupla – passado e presente -, esse movimento fica mais evidente quando percebemos que as temáticas tratados nos textos, embora em obras escritas há muito tempo, ainda são temas que fazem parte do nosso cotidiano, o que nos faz perceber o quanto a questão temporal é circunstancial e relativa, considerando que as narrativas carregam consigo evidências e marcas que resgatam na modernidade, mesmo que de uma maneira involuntária, traços de um passado que possui um contexto atual que nos auxilia a compreender o discurso da modernidade e modernização, presentes nos textos literários.

Nesse sentido, a literatura deixa de ser um veículo de comunicação isolado e torna-se cada vez mais parte desse círculo de debates, dando grandes contribuições ao abrir horizontes, recuperar narrativas do passado e abrir espaços para novas (re)leituras e (re) construções dando margens para as múltiplas interpretações sobre cidade e identidade, temáticas amplamente discutidas nos textos deste volume.

Para melhor situar o leitor, dividimos esta obra em sessões, respeitando as temáticas propostas pelos pesquisadores/autores, a saber: I- Discurso, leituras e modernidade – propõe uma reflexão sobre o discurso de modernidade, modernização e elementos que caracterizam esse discurso “moderno” em diferentes contextos sócio-histórico, colocando em evidências espaços e efeitos da modernidade nos grandes centros e na floresta amazônica – acreana e boliviana. A sessão II- Literatura, memória e cidade – valendo-se de autores e textos literários clássicos apresenta espaços da cidade destacando características peculiares de sujeitos que se constituíram social, moral e culturalmente em contextos diversos, demarcando críticas à sociedade “moderna” e as relações de trabalho no Brasil desde o século XIX aos tempos atuais. Traz uma reflexão sobre a representação da mulher e sua situação num cenário de

mudança social, colocando-as em condições de ativas e empoderadas, testemunhando de diferentes modos uma crise no sistema patriarcal de finais do século XIX, e, por fim, a sessão III- Do signo ao discurso: a paisagem como construção social – destaca a paisagem como um elemento constitutivo da cultura e identidade, mostrando que ela está afetivamente vinculada ao processo de construção local de um bairro, cidade, estado ou país, evidenciando que esses diferentes elementos paisagísticos são testemunhas da história. Destaca, também, a relação dos sujeitos com as árvores em contextos urbanos e sua representação na construção discursiva das cidades modernas. E, ainda, faz um breve estudo sobre o povo de Xapuri, destacando batalhas de pertencimento e deslocamentos de um povo que teve que sair da floresta para se (re)construir enquanto sujeito na cidade.

Portanto, é com alegria que, mais uma vez nos dirigimos por meio desta obra ao público interessado, comunidade acadêmica, professores e alunos que pesquisam e discutem na tentativa de compreender os meandros desse discurso de “modernidade”, com o propósito de colaborar com as reflexões sobre os espaços urbanos, reais ou imaginários, descritos por meio da linguagem, forma pela qual o saber e o conhecimento científico se incorporam à vida social contemporânea, fazendo do discurso de divulgação científica um terreno privilegiado para a manifestação de embates ideológicos na sociedade atual, isto porque, para este grupo, escrever se configura como um ato de resistência.

**- Os Organizadores -**



# Tempos e tempos modernos<sup>1</sup>

*Luciana Marino do NASCIMENTO<sup>2</sup>*

## 1. Introdução

Em tempos de quarentena forçada em pleno século XXI, momento em que o COVID19 ou Corona Vírus obriga a todos a efetuarem profundas mudanças no cotidiano, fazer uma reflexão sobre a modernidade nos aponta para a lição do passado, ou seja, como bem assinalou Edward Said, o passado não está morto e enterrado.

Retrocedendo um pouco ao nosso século XX, podemos afirmar que este foi atravessado pelo signo da modernidade que já vinha sendo gestada há pelo menos quatro séculos anteriores. O termo modernidade tem entrada recente no glossário historiográfico. No Brasil, por exemplo, tal ocorrência tem seu registro somente nas décadas de 70 e 80. Note-se que o termo adquiriu certa popularidade, apesar de constituir uma ideia complexa seja no campo da História, da Sociologia ou da Filosofia. Etimologicamente, o moderno tem origem na palavra *modernus* (*modus / hodiernus*) que passou a significar o estar na ordem do dia:

Toda a história da palavra e de sua evolução semântica será, como Jauss sugere, a da redução do lapso de tempo que separa o presente do passado, ou seja, a da aceleração da história. Pouco importa que essa aceleração seja em realidade ou uma ilusão, que se passem, realmente, ou não, mais coisas num instante dos Tempos modernos do que num instante da Antiguidade, pois é a percepção de tempo que conta. O eterno retorno do mesmo pode também acelerar seu ritmo, como no caso da moda, que nunca se encontra muito longe do moderno. (COMPAGNON, 1996, p. 17).

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi originalmente publicado sob o título “As promessas e o mal estar na modernidade” no site [www.usinadeletras.com.br](http://www.usinadeletras.com.br) como texto de divulgação. Essa nova versão segue modificada.

<sup>2</sup> Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro-Brasil. Bolsista de Produtividade em pesquisa do CNPq- (PQ2) Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- Brasil Este trabalho contou com apoio do CNPq.

Como se pode observar, Compagnon assinala que a história do campo semântico “moderno” passa pela noção de aceleração do tempo e o estar na ordem do dia retorna a cada época como algo novo.

Há duas canções que imediatamente me remetem aos ideais da modernidade, a saber: “Tempos Modernos” e “O Último Romântico,” interpretadas pelo cantor Lulu Santos, que encerram de maneira magistral, as promessas, as frustrações, as conjunções, as disjunções, as continuidades e as descontinuidades que a modernidade trouxe para os diversos campos da vida social. A composição de “O Último Romântico” é fruto de uma parceria de Lulu Santos, Sergio Souza e o poeta Antonio Cícero. Já “Tempos Modernos” foi uma composição solo de Lulu Santos.

## 2. Tempos que evaporam

As letras das músicas de Lulu Santos, mencionadas anteriormente, aliadas às reflexões de Marshall Berman, em **Tudo o que é sólido desmancha no ar**, nos trazem a oportunidade de repensar a modernidade e nos situar diante de um tempo que atualmente é denominado de pós-modernidade.

Viver a modernidade, , sem dúvida, é arriscar-se ao perigo de enfrentar o novo, o inseguro; é embrenhar-se por caminhos que podem levar a esfuziantes momentos de glória, mas, ao mesmo tempo, ver-se desorientado num mundo de desintegração e mudança, como nos ensina Marshall Berman, em “Tudo o que é sólido desmancha no ar- A aventura da modernidade”, ensaio, cujo título, o filósofo americano tomou de empréstimo do Manifesto Comunista de Marx e Engels:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição, é sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda que quando tudo em volta se desfaz. (BERMAN, 1986, p.19).

Ao abrir sua canção, Lulu Santos nos mostra as expectativas que cercaram o imaginário social na modernidade com as promessas de felicidade, beleza, futuro brilhante e certa transparência que fomentou uma ideia de ruptura com valores passados, muitas vezes, considerados hipócritas, o que se reflete na exortação do sujeito poético para que se veja e viva o amor e a vida intensamente, exibindo o entusiasmo proposto pelo projeto de modernidade, como podemos observar nos fragmentos abaixo:

Eu vejo a vida melhor no futuro,  
Eu vejo isso por cima de um muro.  
De hipocrisia que insiste em nos rodear  
Eu vejo a vida mais clara e farta,  
Repleta de toda a satisfação  
Que se tem direito  
Do firmamento ao chão.  
Hoje o tempo voa amor,  
Escorre pelas mãos  
Mesmo sem sentir  
Que não há tempo que volte, amor,  
Vamos viver tudo que há para viver,  
Vamos nos permitir.

Eu quero crer no amor numa boa,  
Que isso valha para qualquer pessoa  
Que realizar a força que tem uma paixão.  
Eu vejo um novo começo de era,  
De gente fina, elegante e sincera  
Com habilidade pra dizer mais sim do que não, não...  
(Lulu Santos. Álbum Tempos Modernos, 1982, faixa 5)

A consciência da inexorabilidade do tempo e da mudança de paradigmas na canção de Lulu, nos mostra uma fruição das conquistas modernas, ao mesmo tempo em que exhibe a perda de elos comuns que antes uniam as pessoas, mas o futuro apresenta-se como promissor, segundo os postulados da modernidade, o que encontra eco, segundo João Carlos Souza Ribeiro, no otimismo do homem moderno que é aquele que,

Inaugurou o século otimista, alegre como o romântico. Paradoxalmente, promove duas grandes guerras mundiais e parte

para a segunda metade do século proclamando sua pseudo-liberdade pelo mundo virtual, já acentuado pelas descobertas de um eu que se divide no ambiente do psiquismo; pensa aquele, na trilha romântica, que se conhece a si mesmo. (RI-BEIRO, 1999, p. 52).

Tais ideias são também expostas em outra canção do músico carioca – “O último romântico” – na qual Lulu Santos expõe a ruptura com o pensamento da tradição, inclusive, desautorizando discursos que já haviam se tornado consenso. Marshall Berman salienta que apesar de sedutor, o grande projeto de modernidade trouxe em seu bojo ideias paradoxais, ainda que tenha tido como proposta o alargamento de fronteiras, a concepção de universalidade e a crença sem limites na ciência como solução para todos os problemas, como antes já havia aturdido, Freud em “O mal estar na civilização moderna”. O músico carioca expressa muito bem toda a experiência vital da modernidade, como podemos observar na passagem que segue:

Faltava abandonar a velha escola  
Tomar o mundo feito Coca-Cola  
Fazer da minha vida sempre  
O meu passeio público  
E ao mesmo tempo fazer dela  
O meu caminho só, único  
Talvez eu seja o último romântico  
Dos litorais desse Oceano Atlântico  
Só falta reunir  
A Zona Norte à Zona Sul  
Iluminar a vida  
Já que a morte cai do azul  
Só falta te querer  
Te ganhar e te perder  
Falta eu acordar  
Ser gente grande  
Pra poder chorar  
Me dá um beijo, então  
Aperta a minha mão  
Tolice é viver a vida assim  
Sem aventura...  
(Lulu Santos. Álbum Tudo Azul, faixa 3, 1984.)

A utopia e os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade estão em cena em ambas as canções de Lulu Santos. Em “Tempos Modernos”, a felicidade deve fazer parte da vida de todas as pessoas, sem exceção. Em “O último Romântico” unir as zonas Norte e Sul e viver sob o signo da aventura constituem uma ruptura radical com as convenções sociais, ratificando, de certa forma, o projeto de modernidade Iluminista que ficou devendo às suas próprias expectativas, pois, na prática, o sol acabou não dispondo de um lugar para todos, frustrando a muitos, sendo este um dos tópicos nos quais Freud vai insistir em suas análises em “O mal estar na civilização moderna”.

Na expressão que fecha a última estrofe: “melhor não ter razão”, Lulu Santos nos mostra a total entrega a uma experiência que promete aventura, alegria, sem que se use demais a racionalidade, pois, o turbilhão moderno caracteriza o fazer o novo e a liberdade das escolhas dos indivíduos, fatos estes que encontram fundamentos nas promessas do projeto de modernidade, conforme nos mostra Marshall Berman:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele: a industrialização que transforma conhecimento científico em tecnologia cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder (...), os sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades. [...] No século XX, os processos sociais que dão forma a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se modernização. (BERMAN, 1986, p. 18).

Lulu Santos talvez queira nos mostrar que apesar da época em que vivíamos no Brasil – início dos anos 1980 – década vista como “perdida” por muitos historiadores e cientistas políticos, apesar de escassos, os sonhos, ainda não haviam acabado, a nova década eclodia sob o signo da modernização do país, com a abertura política, novos parques industriais, o surgimento do Rock Brasil, a era da *disco music* havia se consolidado e a realização de um grande festival de Rock: o Rock in Rio, colocava o Brasil em sintonia com o que havia de mais inovador no Rock e no Pop Rock: